



# caleidoscópio

maria rosa cartaxo moura

## POR QUE VOCÊ FERIU DE MORTE O MEU AMIGO?

Amigo de meu filho é um pouquinho meu filho também.

Ainda sinto em minha face seu beijo respeitoso, ainda vejo diante de mim seu rosto amigo, ainda ouço sua voz confiante: “vou vender a minha moto e aplicar o dinheiro na poupança”.

Você, motorista, não podia!

Você, motorista, não devia!

Você *não podia*, não tinha o direito de infringir leis, desrespeitar sinais que visam proteger, resguardar um pouco o ser humano, já por si tão frágil e vulnerável, da violência e do impacto da máquina desumana.

Você *não devia* servir-se da máquina para magoar, para fazer sofrer, para angustiar, para espalhar o pavor e a desgraça.

Como cristã que sou, aceito a vontade de Deus com relação à vítima, mas revolta-me o íntimo, confrange-me o coração a incúria, a incapacidade, a inconsciência de um motorista.

Não posso aceitar passiva ou indiferentemente o que precisa ser mudado.

A máquina, meu caro motorista, põe asas em seus pés. multiplica vezes sem conta suas forças, empresta-lhe uma potencialidade artificiosa e ilusória. Você, então, se torna um falso titã e um perigo ambulante!

Infelizmente, a máquina não dimesiona para mais as qualidades inerentes ao homem e somente a ele. Ela não o torna mais cordial nem mais sensível, não aumenta sua sabedoria nem sua prudência, não o torna melhor nem mais humano. Você é o que é sobre os seus dois pés. As quatro rodas velozes perturbam-no e o desajustam quando não há em você o equilíbrio necessário. O potente motor, seu ronco furioso, consegue brutalizá-lo, consegue neutralizar em você sentimentos humanitários, quando de seu coração saiu o amor ao próximo para dar lugar a falsos valores.

Ironia! Ontem terminou, num epílogo, com o longo passeio ciclístico, a nobre campanha lançada pela Prefeitura Municipal e apoiada pelos Clubes de Serviço, “NOSSA CIDADADE MAIS HUMANA”.

Ontem você meu amiguinho, transitava devagar, em sua bela e brilhante moto, na mão, numa preferencial, comboiando uma “cinquentinha”

Passeava feliz, num prolongamento ainda do passeio matinal, quando deu-se o impacto brutal e criminoso!

Mas a campanha que a tantos sensibilizou estava encerrada, meu amiguinho, e hoje aqui estamos rezando pela sua sobrevivência.

Você é mais uma vítima deste holocausto cruento e diário de nossa cidade, de nosso trânsito desumano.

Esta campanha foi um justo e oportuno despertar de conscientização pública, para o bem estar do homem. Foi empolgante porque foi honesta e bem intencionada. Deve ser repetida e com maior participação ainda e com maior divulgação. Aos poucos seu vital objetivo irá penetrando, irá calando nos espíritos e o homem, com sua inteligência e seu coração, não mais se deixará endoidecer pela máquina.

Essa campanha surtiu efeito, sim, senhor Prefeito, a ponto de mover a mim, cujo único galardão consiste em ser gente, mãe e amiga de gente, vir a público, para repetir bem alto o que estava escrito no cartaz que levava às costas aquele pequeno ciclista: “CUIDADO, HÁ GENTE QUE QUER CONTINUAR VIVENDO”.

Que o espírito da campanha continue em aberto, porque não é bom viver num mundo em que há tanta dor, tanta estupefação, tanta interrogação estampada nos olhos dos jovens!

Publicado na “Gazeta do Povo” em 20/09/77

## “SANTA” INEJEA

Como pode a inveja, sentimento negativo e deprimente, que revela mesquinhez e apequenamento de espírito, que esconde complexo de inferioridade, ser santa?

E eu dissera ter dela uma “santa” inveja, querendo traduzir, através desta expressão corriqueira, contraditória, e

uma vez analisada, incoerente, toda a minha admiração pondo nela a minha homenagem sincera, pelo seu brilho, pelo êxito de sua vida e de sua missão.

E ela me entendeu porque seu sorriso franco contou-me que a mensagem fôra aceita!

Ofélia, Hélio e seus sete filhos. Família de músicos.

Não sei o que mais aprecio em vocês, a sensibilidade, o virtuosismo, a musicalidade do artista ou a unidade e a integridade na formação da família.

De Ofélia lembro-me já da infância, talentosa, era figura imprescindível nas festinhas do colégio. Com Hélio o conhecimento foi mais recente, quando precisei dos seus cuidados profissionais. Exemplos dignificantes de trabalho, de dedicação, de altruísmo, ela à família, ele à medicina, ambos à sociedade.

Em casa, após o almoço, na tranquilidade e penumbra do meu quarto, tecia considerações comigo mesma, enlevada ainda pela beleza da cena que a família Brandão proporcionara a mim e a centenas de pessoas que participavam daquela missa dominical. Num testemunho familiar significativo, o harmonioso conjunto executara com maestria belos trechos da *Virtuous Wife* e *Bachianas*.

Também eu, um dia, imaginação exaltada pelas narrativas de minha mãe que contava de como eram bonitos os serões em casa de vovô, ele soprando sua flauta, vovó ao piano, os tios ao violino e bandolin, sonhara reproduzir em meu lar, com marido e filhos, momentos assim inesquecíveis...

E tentamos... Faltou-nos algo porém, dom, perseverança, ambiente... E pouco a pouco fomos trocando o instrumento exigente pelo cômodo ouvir e apreciar o som de um aparelho.

Permaneceu em mim, contudo, lá no fundo, a pequena frustração de um desejo irrealizado, talvez um tanto romântico, o de fazer música em família, o que em minha concepção representava o símbolo máximo da união.

Então era isso! "Santa" inveja! Estava explicado o porquê do uso da estranha expressão!

Absorta nessas conjecturas, o rumo de meus pensamentos de repente foi cortado pela entrada um tanto abrupta de um dos meus filhos, que em sua juventude estuante, irrompeu porta a dentro com um botão de rosa na mão, que rindo entregou-me.

Por que, filho? Perguntei.

Por tudo, mãe! E nos beijamos.

Meu Deus, como foi bom!

Aquele gesto trouxe-me a uma realidade reveladora e tão gratificante. Em família diversificamos muito, em gosto, em pendores, em atividades, em mentalidade. Mas, somos um só no amor!

Formamos uma orquestra uníssona em espírito. Um por todos, todos por um. Tem sido sempre assim. E as evocações comprovadoras sucediam-se em minha mente...

Obrigada, meu Deus! Obrigada, família Brandão, seus acordes ecoaram não só naquela Igreja, inspirando maior fé, mas dentro de meu coração provocando como que um radio-so despertar!,

Publicado na "Gazeta do Povo" em 27/11/77

## É TEMPO DE PRATA

Eu o vi quando saía do Banco. Ele não me viu. Prosseguia em seu caminho.

Estava quase a chamá-lo, quando um raio de sol incidiu sobre sua cabeça e fez brilhar de prata os cabelos.

A emoção prendeu-me a voz e me deteve os passos.

Há prata em seus cabelos, pensei, e também em nosso aniversário de bodas.

Parada na esquina, deixei-me ficar olhando sua figura querida afastar-se em largas passadas. Enérgicas, observei mas menos elásticas. O porte ereto ainda, mas mais pesado.

Ah! Os anos...

Uma onda de ternura imensa assaltou-me o ser, envolveu-me, transportando-me há muitos e muitos anos atrás...

Quando o encontrei, de pronto sabia que sempre esperara por ele. Tudo nele me atraía, o olhar de promessas, o jeito quieto, o quê de mistério, as mãos morenas e longas, a boca generosa, a voz suave.

Adivinhava tanta riqueza em sua personalidade e entrevia um mundo de felicidade ao seu lado.

E assim foi. Unimos as vidas, selamos as existências.

*Sebo Lider*  
**4,00**